

## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em abril, os resultados do emprego industrial foram negativos na maioria das comparações. Entre abril e março, na série livre de influências sazonais, houve redução de 0,9% no contingente de trabalhadores. A comparação com abril de 2002, aponta decréscimo de 1,0%. O acumulado do ano representa a exceção, uma vez que foi registrado o único indicador positivo, 0,2%, porém inferior aos resultados de fevereiro (0,7%) e março (0,6%). O acumulado dos últimos doze meses permanece negativo, com queda de 0,3%.

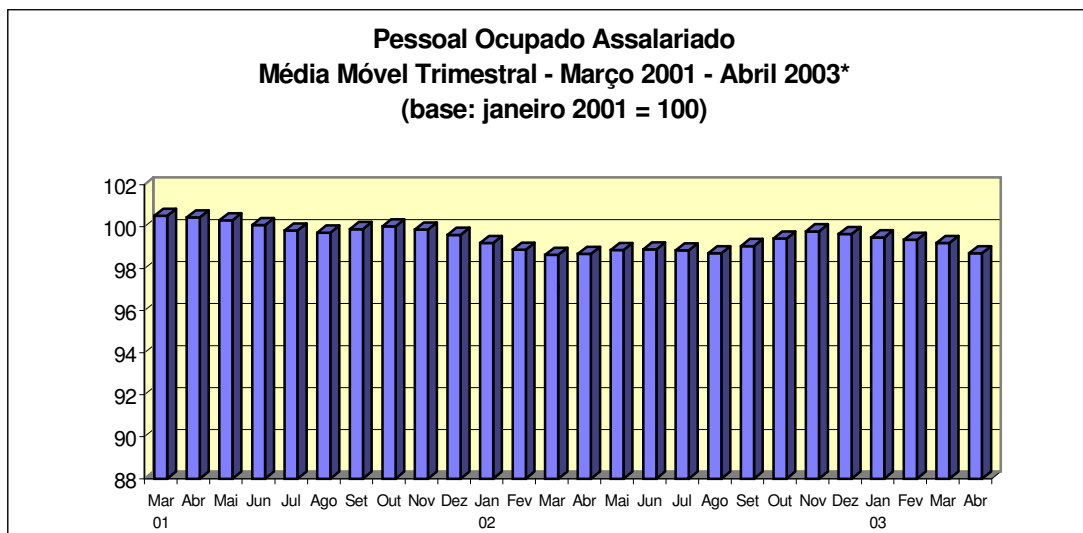
Após cinco meses de crescimento, o indicador mensal apresentou uma queda de 1,0%, explicada pelos desempenhos adversos de nove das quatorze áreas e de dez dos dezoito ramos industriais. Por local, as principais contribuições negativas foram assinaladas nos estados de São Paulo (-2,5%) e Rio de Janeiro (-3,3%), onde as demissões ocorreram com mais intensidade nos setores de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-10,7%), no primeiro, e em papel e gráfica (-15,2%), no segundo. Em contraposição, os locais que exerceram as principais pressões positivas foram Paraná (4,3%) e Norte e Centro-Oeste (3,2%), onde destacou-se o ramo de alimentos e bebidas, com expansão de 8,4%, no primeiro e 7,4%, no segundo local.

No recorte setorial, dez atividades mostraram decréscimos no contingente de trabalhadores, com destaque para as influências negativas de outros produtos da indústria de transformação (-8,6%) e minerais não-metálicos (-5,9%). Em sentido contrário, os segmentos de máquinas e equipamentos-exclusivo eletro-eletrônicos e de comunicações (6,0%) e madeira (4,1%) representaram os principais impactos positivos no total do país, ainda na comparação abril 03/abril 02.

O acumulado do ano, apesar de positivo, mostra um ritmo mais lento de contratações na indústria, uma vez que a taxa global se reduziu de 0,6% em março para 0,2% em abril. Neste confronto, seis das quatorze áreas expandiram o número de empregados, sobressaindo Paraná (4,6%) e Santa Catarina (3,4%) com as principais contribuições. Em contraste, novamente os estados do Sudeste tiveram maior importância nas demissões da indústria, principalmente Rio de Janeiro (-3,1%) e Minas Gerais (-1,7%). A região Nordeste respondeu pelo segundo impacto negativo mais relevante, com queda de 2,2%.

Setorialmente, no total do país, dez ramos expandiram o número de trabalhadores, sendo os principais destaques positivos, alimentos e bebidas (3,2%) e máquinas e equipamentos-exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (6,5%). Do lado oposto, outros produtos da indústria de transformação (-8,6%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-4,2%) e minerais não-metálicos (-3,7%) exerceram os principais impactos negativos sobre o resultado global.

O indicador acumulado nos últimos doze meses, por sua vez, vinha apontando suave recuperação do ritmo de queda do emprego, porém apresenta virtual estabilidade entre março e abril (-0,3%).

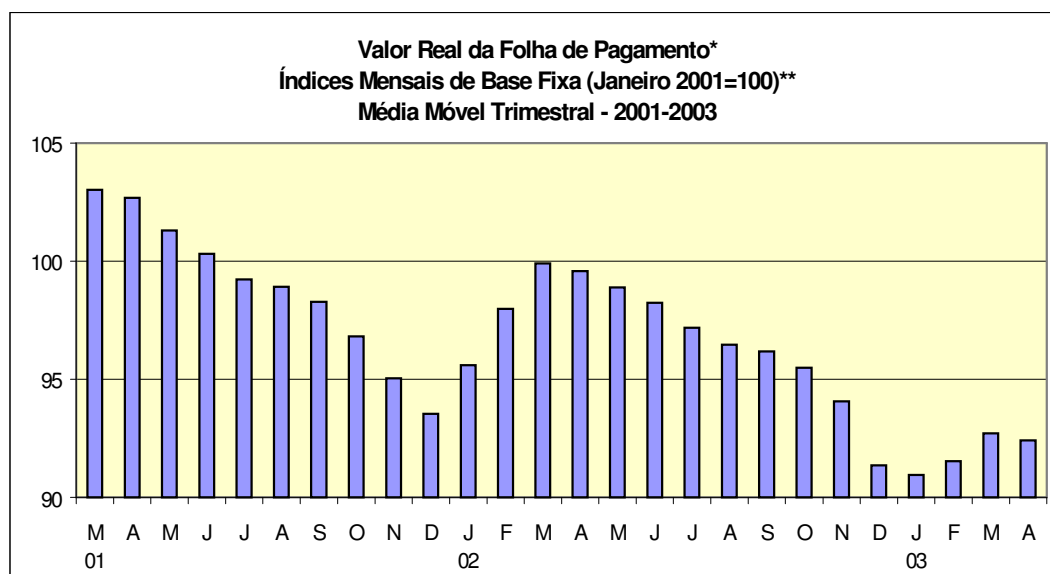


Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria  
 \*Série com ajuste sazonal

Por fim, a tendência mostrada no gráfico de médias móveis trimestrais, livre da sazonalidade, é descendente desde dezembro de 2002. O trimestre encerrado em abril é 0,9% inferior ao de dezembro.

### FOLHA DE PAGAMENTO

A folha de pagamento dos trabalhadores do setor industrial, após o recuo de 2,0% observado em março, volta, em abril, a registrar ganho real na comparação com o mês anterior, expansão de 0,7%, já descontadas as influências sazonais. Já os índices de médias móveis trimestrais mostram uma suave interrupção na trajetória de recuperação do valor da folha de pagamento iniciada em fevereiro: entre os trimestres encerrados em abril e março deste ano há uma redução de 0,3%.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria

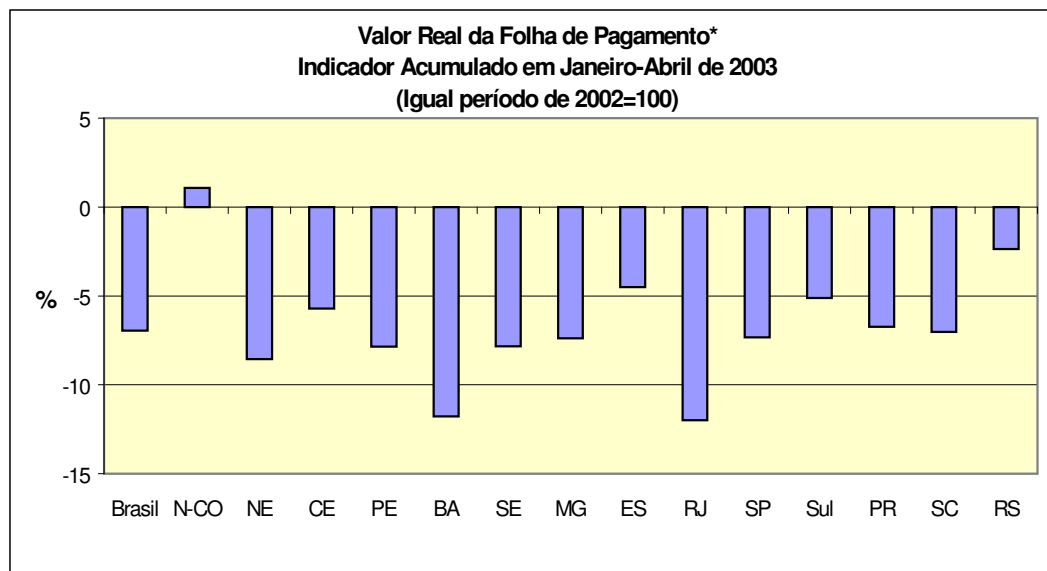
\* deflacionado pelo IPCA-IBGE

\*\* Série com ajuste sazonal

Nos demais indicadores, a folha de pagamento da indústria brasileira permanece mostrando perda real: -7,5% em relação a abril de 2002, -7,0% no acumulado do ano e -3,9% nos últimos doze meses. No que tange à folha média de pagamento são registrados resultados negativos nos comparativos: abril 03/abril 02 (-6,6%), acumulado no ano (-7,1%) e nos últimos doze meses (-3,6%).

Em relação a abril do ano passado todos os locais pesquisados reduzem, em termos reais, a folha de pagamento de seus empregados. Na formação da taxa global de -7,5% as indústrias da região Sudeste (-8,3%) e de São Paulo (-7,4%) respondem pelas maiores contribuições negativas, influenciadas sobretudo pelos decréscimos nos setores de papel e gráfica (-18,7%, na primeira e -19,9% na segunda) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-20,7% e -22,3%, respectivamente). Em termos de magnitude de queda, sobressaem Rio de Janeiro (-13,8%) e Bahia (-10,9%). Nos demais locais as taxas oscilam entre os -8,4% de Minas Gerais e os -2,1% das regiões Norte e Centro-Oeste. Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, decréscimos na maioria (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, ficando os recuos de maior impacto na taxa global com papel e gráfica (-15,8%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-15,5%) e meios de transporte (-6,5%).

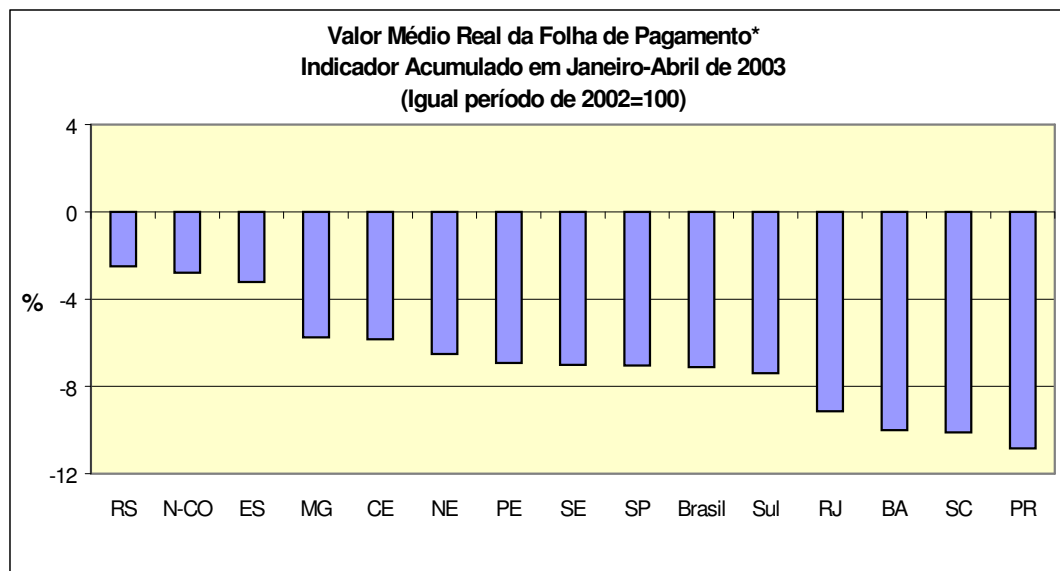
No indicador acumulado no ano, os números da folha de pagamento são negativos na grande maioria (treze) dos quatorze locais pesquisados. Também neste confronto, as indústrias da região Sudeste (-7,8%) e de São Paulo (-7,3%) são as que mais pressionam negativamente a taxa global, influenciadas sobretudo pelas perdas assinaladas nos setores de papel e gráfica (-18,1% e -18,0%, respectivamente) e de máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos e de comunicações (-16,7% e -18,2%), e as do Rio de Janeiro (-12,0%) e da Bahia (-11,8%) são as que registram as maiores quedas, em razão, principalmente, das reduções reveladas pelas indústrias extrativas (-17,0%), na primeira, e de produtos químicos (-17,5%), na segunda. Ainda com decréscimo na folha de pagamento situam-se: Nordeste (-8,6%), Pernambuco (-7,9%), Minas Gerais (-7,4%), Santa Catarina (-7,0%), Paraná (-6,7%), Ceará (-5,7%), região Sul (-5,1%), Espírito Santo (-4,5%) e Rio Grande do Sul (-2,4%). A única área que ampliou a folha de pagamento, neste confronto, é a das regiões Norte e Centro-Oeste (1,1%).



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria  
\* deflacionado pelo IPCA-IBGE

No total do país, ainda no indicador acumulado no ano, há redução na folha de pagamento dos trabalhadores de quinze dos dezoito setores pesquisados. Na formação da taxa global de -7,0%, destacam-se com os maiores impactos negativos: papel e gráfica (-14,8%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-13,3%) e minerais não metálicos (-14,7%). Com expansão figuram apenas os setores de coque, refino de petróleo e álcool (5,2%), alimentos e bebidas (2,2%) e calçados e couro (0,6%).

No que tange à folha média de pagamento da indústria, segundo o indicador acumulado no ano, são verificadas perdas em todos os locais e setores pesquisados. Regionalmente os decréscimos variaram entre os -2,5% registrados no Rio Grande do Sul e os -10,8% do Paraná. Em nível setorial, com as quedas mais intensas no total do país estão: fumo (-17,2%) e indústrias extrativas (-14,9%).



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria  
 \* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de março para abril, uma ligeira aceleração no ritmo de queda tanto do total da folha de pagamento, que passa de -3,4% para -3,9%, como na folha média (de -3,1% para -3,6%).

#### **NÚMERO DE HORAS PAGAS**

O setor industrial, em abril, reduz o número de horas pagas tanto na comparação com o mês anterior, já descontados as componentes sazonais (-0,5%), quanto no comparativo com igual mês do ano anterior (-1,9%). Nos indicadores para períodos mais abrangentes, os resultados também são negativos: -0,4% no acumulado do ano e -0,6% nos últimos doze meses.

Na comparação com igual mês do ano passado, conforme mencionado anteriormente, o indicador mensal aponta uma queda de 1,9%, sendo este resultado, parcialmente influenciado pelo menor número de dias trabalhados em abril de 2003 em relação a abril de 2002. Nove dos quatorze locais pesquisados exibem redução nas horas pagas, com destaque para São Paulo (-3,6%), principalmente, pela queda da jornada registrada nos setores de máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos e de comunicações (-14,5%) e fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-15,6%). Por outro lado,

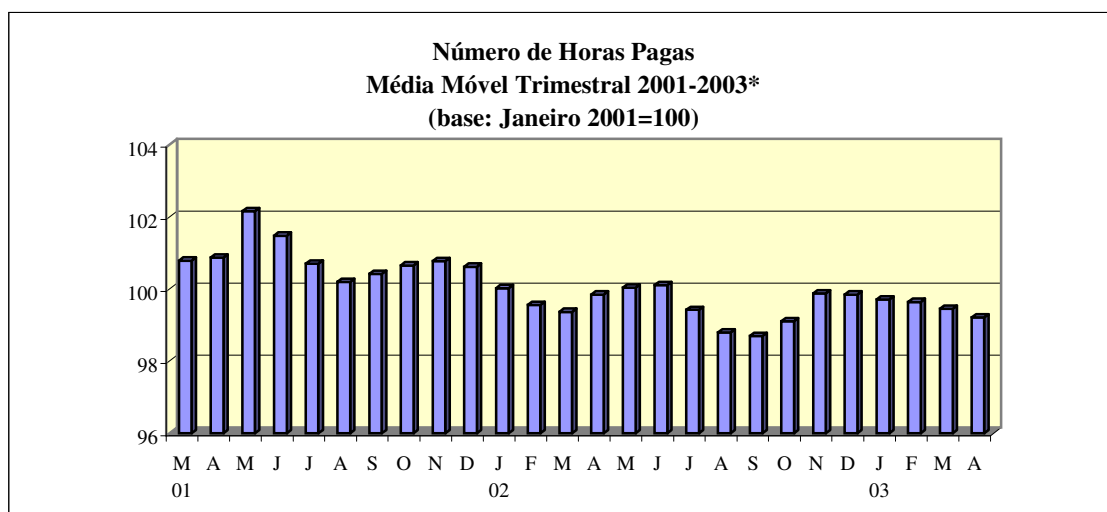
Paraná, com expansão de 5,4%, impulsionada, sobretudo, pelo aumento verificado no número de horas trabalhadas na indústria de alimentos e bebidas (15,5%), foi a maior contribuição positiva na formação da taxa global.

Por setores industriais, ainda no que tange o indicador mensal, o número de horas pagas recua em doze dos dezoito setores pesquisados no total do país. As principais pressões negativas foram exercidas pelos setores fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-10,6%), máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos e de comunicações (-7,6%) e minerais não-metálicos (-6,2%). Em contraposição, alimentos e bebidas (1,0%), refino de petróleo e produção de álcool (10,3%) e máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (2,9%), respondem pelas principais contribuições positivas.

No indicador acumulado do ano, a queda global de 0,4% no total de horas pagas reflete recuos em oito locais e dez setores pesquisados. As indústrias da região Sudeste são as que mais pressionam o resultado global, ao se reduzirem 1,8% nos quatro primeiros meses do ano, como conseqüência, principalmente, do decréscimo observado em São Paulo (-1,5%). Do lado positivo, figuram como principal influência as indústrias da região Sul (2,3%), com destaque para o Paraná, que expande em 5,6% o total de horas pagas. Em nível setorial, as quedas que mais influenciam a taxa da indústria geral são registradas nos segmentos fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,8%) e máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos e de comunicações (-5,4%), enquanto os aumentos mais significativos são observados nos setores de alimentos e bebidas (3,3%) e de máquinas e equipamentos - exclusive elétricos, eletrônicos e de comunicações (4,9%).

No que se refere ao indicador acumulado nos últimos doze meses, este ainda é negativo para o total de horas pagas (-0,6%), porém mantém-se estável em relação a março (0,6%) e superior aos

resultados de janeiro (-1,1%) e fevereiro (-0,8%). Dentre os dezoito setores pesquisados, doze registram retração nas horas pagas pela indústria, com destaque para as performances adversas de máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos e de comunicações (-9,9%) e de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-8,0%). Por outro lado, o principal impacto positivo vem de alimentos e bebidas, com expansão de 5,5%. Por locais pesquisados, a maior influência negativa é determinada pelos recuos observados em São Paulo (-2,7%) e, como consequência, na região Sudeste (-2,5%). Dentre os nove locais que apresentaram crescimento, as regiões Sul (1,7%), com destaque para Santa Catarina (2,7%), e Nordeste (0,9%) são as que mais influenciam positivamente o resultado da indústria geral.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria  
 \*Série com ajuste sazonal

Por fim, no que tange à trajetória dos índices de média móvel trimestral da jornada de trabalho, o trimestre encerrado em abril, com retração de 0,8%, confirma a tendência de queda iniciada em novembro de 2002 (-0,2%).